

## Esquadrão Pampa: percepções de oficiais militares sobre a língua inglesa

Pedro Barbezani Carvalho e Ribeiro<sup>1</sup>

Elaine Risques Faria<sup>2</sup>

### Resumo

Considerando-se a necessidade do conhecimento da língua inglesa dos Oficiais Aviadores do Esquadrão Pampa – 1º/14º Grupo de Aviação, decorrente das atividades inerentes à carreira militar tais, como missões conjuntas com outros países, missões conjuntas com outras forças, missões de representações para o exterior, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativista. Os dados foram coletados por meio de questionários enviados aos Oficiais do Esquadrão Pampa com a finalidade de obter suas percepções em relação aos níveis de Língua Inglesa abordados no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECL). Os resultados obtidos contribuíram para reflexões sobre o nível de proficiência em língua inglesa atual dos Oficiais e sobre o nível necessário para que consigam desempenhar suas funções com êxito.

**Palavras-chave:** Língua Inglesa. Proficiência. Esquadrão Pampa.

### 1 Introdução

Atualmente o mundo globalizado exige de todos os profissionais a capacidade de se comunicar em diferentes línguas. A língua de Shakespeare se insere nesse contexto como a mais importante e mais utilizada nos debates internacionais, conferências e relações mundiais. Nesse sentido, "a fluência nessa língua torna-se indispensável na conquista de espaço e atuação dos profissionais no mercado de trabalho" (PILLATI; SANTOS, 2008).

Na Força Aérea Brasileira (FAB), o cenário é similar: observam-se profissionais capacitados e outros se especializando para melhorar o nível de conhecimento em inglês e, assim, tornarem-se mais independentes e mais seguros nas tarefas diárias, tais

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Aeronáuticas e Administração com ênfase em Administração Pública pela Academia da Força Aérea (AFA) em Pirassununga. Contato: pbarbezani@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduada em Letras Português-Inglês pela UNESP-Araraquara. Professora Adjunta de Língua Inglesa na Academia da Força Aérea (AFA) em Pirassununga. Contato: elaineerf@fab.mil.br

como ler manuais em inglês, e nos ofícios especiais, como realizar viagens para o exterior e missões diplomáticas em países estrangeiros. Segundo Pilatti e Santos,

Em suma, para os profissionais que almejam sucesso na atuação de suas atividades nas organizações, é fundamental acompanhar as novas demandas de mercado em relação as suas habilidades, entre elas a exigência pelo falar o idioma universal, pois esta é uma tarefa usual na rotina de muitas organizações (PILATTI; SANTOS, 2008, p.11).

Dessa forma, o ponto principal deste estudo é analisar qual o nível de proficiência necessário ao Oficial Aviador do Esquadrão Pampa, segundo as perspectivas dos próprios Oficiais. Escolheu-se esse Esquadrão, por acreditar haver necessidade de se ter um melhor conhecimento da língua inglesa, visto que o vetor utilizado é o F-5M, o qual possui simuladores fora do país, bem como manuais e instruções em inglês, além das inúmeras missões que necessitam ser realizadas fora do Brasil. Para tanto, há a carência de estudar e analisar a fluência do oficial em um Esquadrão de voo, no qual, comunicar-se em inglês é vital para o cumprimento da missão, tal como no 1º/14º Grupo de Aviação.

## **2 Objetivo**

Com base no exposto acima, estrutura-se como objetivo geral deste trabalho analisar, segundo a visão dos Oficiais do próprio esquadrão, qual o nível de proficiência em inglês que o Oficial Aviador do Esquadrão Pampa considera o ideal, a fim de que possa desempenhar todas as suas funções que exigem o conhecimento da língua inglesa da melhor forma possível.

A partir de perguntas relacionadas ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, deseja-se obter um nível comum às percepções dos Oficiais.

## **3 Fundamentação**

Esta pesquisa fundamenta-se nas percepções sobre as necessidades dos Oficiais do Esquadrão PAMPA em relação ao conhecimento de língua inglesa e nos estudos sobre o

Quadro Europeu Comum de Referências para Línguas, principalmente no que se refere à classificação das habilidades linguísticas em diferentes níveis de conhecimento.

É importante mencionar que há uma escala de proficiência linguística dedicada à aviação (ICAO, 2004, 2010), porém ela não atende ao escopo deste estudo, pois não contempla as necessidades de interações fora do contexto da comunicação radiotelefônica e também não atende às necessidades de leitura e escrita, uma vez que o exame de proficiência da Organização de Aviação Civil Internacional (OACI) não avalia essas habilidades.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, guias de currículo, exames, livros-texto, manuais e afins por toda a Europa. Descreve de uma forma compreensiva, maneiras pelas quais os alunos de línguas estrangeiras devem proceder para utilizarem a linguagem para comunicação e quais conhecimentos e habilidades devem ter para desenvolverem a língua efetivamente. O quadro também considera o contexto cultural no qual a linguagem se estabelece, bem como define níveis de proficiência, os quais permitem aos estudantes mensurarem o progresso em cada estágio de aprendizado pela vida (ALVES, 2001).

A Força Aérea Brasileira, a partir da Diretriz de Comando do Departamento de Ensino da Aeronáutica número 15, orienta o ensino da língua inglesa na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR) e na Academia da Força Aérea (AFA). O documento, publicado em agosto de 2013, tem por objetivo estabelecer parâmetros e unificar a metodologia para o ensino da língua inglesa, na EPCAR e na AFA, com vistas a permitir aos futuros oficiais, ao término de um curso de sete anos, a fluência no emprego do idioma inglês (BRASIL 2013, p. 2).

O presente documento se baseia no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR), definido como o guia que descreve quais objetivos os estudantes europeus devem alcançar ao estudarem línguas estrangeiras, sem, contudo, priorizar a adoção de um mesmo material didático em todos os cursos disponíveis e nem mesmo durante a realização de um mesmo curso. Atualmente, a Academia da Força aérea segue essa doutrina e muda seu material didático para que os Cadetes possam ter diferentes obras complementando seu currículo.

### 3.1 Esquadrão PAMPA - 1º do 14º Grupo de Aviação

Sediado em Canoas, Rio Grande do Sul, o Esquadrão Pampa, como é conhecido o 1º/14º Grupo de Aviação, é o responsável pela Defesa Aérea do Cone Sul do País. O Esquadrão serve como ponta de lança ao Sistema de Defesa Aérea Brasileiro (SISDABRA), o qual, em conjunto com o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (CINDACTA II) sediado em Curitiba, é responsável pela proteção do país na região.

O Esquadrão é composto por oficiais formados pela Academia da Força Aérea que se especializam na aviação de caça no Esquadrão Joker em Natal, Rio Grande do Norte. Após um ano na cidade potiguar, os oficiais servem em umas das três seguintes localidades: Boa Vista, Porto Velho ou Campo Grande, voando o avião Super Tucano da EMBRAER. Após vivência nessas localidades, o oficial pode ser transferido para instruir outros Cadetes ou Aspirantes e, finalmente, após seis anos de formação, pode ir para a chamada primeira linha da caça, voando o F-5M.

Os oficiais utilizam constantemente a língua inglesa, como, por exemplo, em *briefing* (explicação detalhada da missão antes do voo), *debriefings* (revisão detalhada da missão *a posteriori*), a leitura de manuais em inglês, o intercâmbio com nações amigas em missões conjuntas como RED FLAG/CRUZEX/CRUZEIRO DO SUL, viagens de estudos para o exterior, recebimento de comitivas estrangeiras.

### 3.2 Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas

O QEQR fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, guias de currículo, exames, livros-texto, manuais e afins por toda a Europa. Descreve, de uma forma compreensiva, maneiras pelas quais os alunos de línguas estrangeiras devem proceder para utilizarem a linguagem para comunicação e quais conhecimentos e habilidades devem ter para desenvolverem a língua efetivamente. O QEQR também considera o contexto cultural no qual a linguagem se estabelece, bem como "define níveis de proficiência, os quais permitem aos estudantes mensurarem o progresso em cada estágio de aprendizado pela vida" (ALVES, 2001, p.19).

O QECR surgiu diante da necessidade de maior aproximação entre as nações que compõem a União Europeia a fim de estreitar laços em comum para melhoria da qualidade de vida e de um maior alinhamento (Council of Europe, 2001).

A estrutura proposta pelo QECR é adotar o princípio em árvore dos "hipertextos", iniciando com uma partição inicial em três níveis gerais: A, B, C. Alves (2001, p. 48) retrata a árvore como: "A (utilizador elementar): A1 iniciação e A2 elementar; B (utilizador independente): B1 Limiar e B2 Vantagem; C (utilizador proficiente): C1 Autonomia e C2 Maestria".

#### **4 Metodologia**

O presente trabalho norteia-se na metodologia de pesquisa bibliográfica para sustentação teórica que, segundo Andrade (2005), citado por Furtoso (2011, p.33), é "um instrumento imprescindível para qualquer outro tipo de pesquisa". Aliada à pesquisa bibliográfica, apresenta-se a pesquisa de campo, utilizando o questionário como instrumento de pesquisa e como amostra os Oficiais Aviadores do Esquadrão PAMPA, em razão das peculiaridades das atividades por eles desenvolvidas.

Para análise dos dados, a pesquisa tem um enfoque qualitativo, pois, segundo Gerhart e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Os participantes desta pesquisa são Oficiais Aviadores da Força Aérea Brasileira, formados entres os anos de 2003 e 2009 na Academia da Força Aérea, que atualmente estão situados no quadro de tripulantes do 1º/14º Grupo de Aviação – Esquadrão Pampa em Canoas, Rio Grande do Sul. Os oficiais foram voluntários para colaborarem com a pesquisa, devido à relevância institucional e social da pesquisa visando à melhora acadêmica do futuro oficial da FAB.

Cabe ressaltar que todos os dezessete oficiais do Esquadrão responderam ao questionário, o qual lhes foi enviado via *e-mail* para um Oficial de ligação com os autores.

## 5. Análise dos dados

Apresentaremos a análise dos dados coletados por meio do questionário. É importante salientar que as perguntas se referem aos seis níveis propostos pelo QECR (A1, A2, B1, B2, C1 e C2) em relação a diversas habilidades linguístico-comunicativas (ANEXO 1) e que os Oficiais participantes deste estudo receberam, juntamente com o questionário, as escalas/tabelas com a descrição do perfil linguístico para cada habilidade e nível (Anexo 2).

Pergunta 1: Em relação à compreensão oral, julga-se: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	1	5	7	3	1

A pergunta é realizada para analisar qual o nível que os Oficiais percebem obter na habilidade relacionada à compreensão oral. É possível notar a predominância do nível B2, o qual Alves (2001) define como se a pessoa estivesse dizendo:

Sou capaz de compreender exposições longas e palestras e até seguir partes mais complexas da argumentação, desde que o tema me seja relativamente familiar. Consigo compreender a maior parte dos noticiários e outros programas informativos na televisão. Sou capaz de compreender a maior parte dos filmes, desde que seja utilizada a língua-padrão (ALVES, 2001, p. 53).

Esse nível é o objetivo do ensino de inglês na FAB, de acordo com a Diretriz de Comando 15 (DCENS 15), intitulada Padronização do Ensino da Língua Inglesa nos Cursos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar e da Academia da Força Aérea.

Contudo, cabe ressaltar que existem seis Oficiais que se julgam abaixo do nível que a Força Aérea Brasileira estabelece como necessário. Essa última informação revela que há um oficial que se situa no nível Iniciante, o qual afirmará em outra pergunta que não se julga capaz de desempenhar todas as funções em inglês exigidas pelo Esquadrão Pampa.

Pergunta 2: Em relação à leitura, julga-se: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	0	7	6	3	1

A pergunta relacionada à leitura é realizada, tendo em vista os preceitos do QECR, para analisar qual o nível que os próprios Oficiais dizem possuir nesta habilidade. Nota-se o predomínio do nível B1 da leitura, que, segundo Alves (2001, p. 53), equivale a um leitor "capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia a dia ou relacionada com o trabalho e capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e desejos, em cartas pessoais".

Segundo as percepções dos Oficiais, a predominância do nível B1 pode indicar que os pilotos são capazes de compreender textos relacionados à vivência diária por utilizarem o inglês no Esquadrão em manobras específicas, no voo além do alcance visual (BVR) e nas tarefas correlacionadas com a missão do aviador. No entanto, o cotidiano vivenciado pelos militares pode ser diferente daquele estabelecido por Alves (2001), uma vez que o contexto militar possui suas próprias especificidades que a profissão do aviador exige, tais como vocabulário específico e regras de voo. Apesar desses fatos, vale destacar que os militares indicam possuir a capacidade de leitura em sua área de atuação, a partir das respostas do presente questionário.

Pergunta 3: Em relação à produção oral, julga-se: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	4	7	4	2	0

A pergunta sobre a produção oral é realizada visando observar qual o nível do Oficial Aviador em relação a comunicar-se com os demais.

Deve-se dedicar especial atenção a este aspecto, pois existem missões internacionais nas quais o Oficial necessita falar a língua inglesa e ser compreendido nessa língua também, sobretudo, pela ótica da segurança de voo (uma má comunicação pode causar

um acidente aéreo como no acidente GOL 1907 e *Legacy* em 29 de setembro de 2006<sup>3</sup>). Ademais, existe a missão de ir para a Suécia utilizar o simulador do *Gripen NG*. Nessa missão, a única língua utilizada é a inglesa.

Os simuladores são dois: um situado no próprio Esquadrão, no qual os Oficiais fazem o treinamento no avião de caça F-5M antes das missões reais para treinamento e para melhorar o desempenho nas missões diárias e o simulador do *Gripen NG*, na Suécia, para o qual, anualmente, são designados dois militares para se deslocarem ao local a fim de simular o combate. É certo que ambos utilizam a língua inglesa como base para comunicação e configuração; além disso, toda a comunicação no exterior é feita em inglês.

Nota-se que, em relação à produção oral, os Oficiais do Esquadrão Pampa se consideram predominantemente no nível B1. Este nível, para Alves (2001), corresponde à seguinte autoavaliação:

Sou capaz de articular expressões de forma simples para descrever experiências e acontecimentos, sonhos, desejos e ambições. Sou capaz de explicar ou justificar opiniões e planos. Sou capaz de contar uma história, de relatar o enredo de um livro ou de um filme e de descrever as minhas reações (ALVES, 2001, p. 54).

Nesse sentido, sugere-se que os Oficiais do Esquadrão consigam elaborar uma produção oral acerca de assuntos relacionados a si mesmos, como, por exemplo: descrever os próprios desejos e anseios para o futuro, assim como, de acordo com as respostas dos Oficiais, conseguir articular expressões nos *briefings* das missões BVR, durante o próprio voo e após a realização dele.

Pergunta 4: Em relação à interação oral, julga-se: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	2	9	5	1	0

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre problemas de comunicação no acidente entre GOL 1907 e *Legacy* ver Mathews (2012), disponível em <https://flightsafety.org/asw-article/language-gap/>. Acesso em 20 maio 2018.



A pergunta sobre a interação oral é colocada como um detalhamento de uma das habilidades de o ser humano se comunicar eficazmente. Podemos afirmar que a interação oral extrapola os requisitos necessários à produção oral, pois é uma mão de via dupla, ou seja, para que a interação ocorra adequadamente, é necessário que os interlocutores não somente produzam, mas, principalmente, saibam ouvir e compreender o outro para que a comunicação seja significativa.

Os Oficiais Aviadores, em sua maioria, destacaram que possuem o nível B1, no que diz respeito à interação oral, cuja descrição pode ser observada no excerto abaixo:

Sou capaz de lidar com a maior parte das situações que podem surgir durante uma viagem a um local onde a língua é falada. Consigo entrar, sem preparação prévia, numa conversa sobre assuntos conhecidos, de interesse pessoal ou pertinentes para o dia a dia (por exemplo, família, passatempos, trabalho, viagens e assuntos da atualidade) (ALVES, 2001, p. 54).

Portanto, novamente, destaca-se a preponderância da utilização do inglês no Esquadrão Pampa para as atividades diárias e relacionadas ao trabalho desenvolvido. Além disso, revela-se que, no tocante à oralidade, os Oficiais situam-se abaixo do nível desejado pela Força Aérea Brasileira.

Pergunta 5: Em relação à escrita, julga-se: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	4	10	2	1	0

Todo o *briefing* para as missões de BVR são feitos em inglês, e existe a necessidade de escrever em um quadro branco detalhes da missão, pontos de interseção e quaisquer outras dúvidas do instruendo. Desse modo, a escrita é importante de ser estudada, por ser uma habilidade linguística recorrente no cotidiano do Esquadrão, visto que toda a preparação para o voo é realizada em inglês.

Novamente, no quesito escrita, destaca-se, pelo maior número de respostas, o nível B1 dos Oficiais do Esquadrão Pampa, o qual, segundo Alves (2001, p.55), é definido como: ser "capaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos

ou de interesse pessoal. Capaz de escrever cartas pessoais para descrever experiências e impressões".

Pergunta 6: Em sua opinião, qual o nível de inglês necessário para desempenhar as funções no Pampa: A1, A2, B1, B2, C1, C2?

Respostas:

A1	A2	B1	B2	C1	C2
0	1	7	5	4	0

Os Oficiais, em sua maioria, julgam que o nível de inglês necessário para desempenhar as funções no Pampa é o nível B1, abaixo do que a FAB deseja atingir com o ensino de inglês na AFA, segundo a DCENS 15, ou seja, nível B2. Segundo Alves (2001), no nível B1 o aprendiz:

É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projeto (ALVES, 2001, p.49).

Isso sugere que o nível de inglês, para a maioria dos Oficiais Aviadores do Esquadrão Pampa, não necessita ser avançado para desempenhar as funções no Esquadrão, mesmo com a frequente realização das missões para o exterior, dos intercâmbios, das operações no cenário internacional e dos simuladores.

Após as perguntas específicas sobre o perfil linguístico utilizando os níveis propostos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas apresentamos outras perguntas que os participantes responderam, por julgarmos que essas informações são importantes para a realização deste estudo.

Pergunta 7: Quais as tarefas diárias ou eventuais que necessitam do uso do inglês?

Os participantes da pesquisa<sup>4</sup> listaram diversas tarefas diárias que utilizam a língua inglesa. Entre elas, destacam-se:

O1: Leitura de manuais, voos de combate WVR e BVR, além dos exercícios operacionais e intercâmbios com outras forças aéreas.

O8: Leitura de manuais, voos com fraseologia inglesa, *briefings* em inglês, intercâmbios no exterior.

O16: Todas as manobras e voos em sede, que são no mesmo padrão das manobras internacionais.

O17: Manuais, *briefings*, *debriefings*, exercícios operacionais, missões no exterior, *workshops*.

O O16 destacou que o Esquadrão PAMPA segue o padrão das manobras internacionais, o qual é um documento de caráter reservado que se destina a explicitar mais detalhes de como a fraseologia em inglês é utilizada. Portanto, existe uma norma na FAB que rege os combates além do alcance da visão (BVR), e esse documento segue as normas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>5</sup>. Assim sendo, toda a fraseologia e o linguajar da missão são feitos em inglês: desde a leitura do manual, a preparação para o voo, o *briefing*, a missão propriamente dita e o *debriefing* pós voo. Além disso, anualmente, dois Oficiais do Esquadrão são deslocados para a Suécia, por uma semana, a fim de utilizarem o simulador do *Gripen NG* (intercâmbios).

O intercâmbio para a Suécia é visto como uma real oportunidade de os Oficiais interagirem em inglês além do ambiente de trabalho e revela a real necessidade de saber a língua inglesa fora do âmbito da aviação, com suas palavras técnicas. Finalmente, destacam-se as manobras internacionais em conjunto com as demais Forças Aéreas internacionais, como a CRUZEX, RED FLAG, conforme citados na fundamentação deste trabalho.

---

<sup>4</sup> Optamos por denominar os Oficiais participantes desta pesquisa por O (zero) seguido de um número para preservar suas identidades.

<sup>5</sup> A OTAN é composta por alguns países signatários, dos quais se destacam os Estados Unidos da América. A norma estabelecida é conhecida como STANAG 6001.

Pergunta 8: Julga-se capaz de desempenhar todas as funções em inglês exigidas pelo PAMPA?



Figura 1. Oficiais capazes de desempenhar todas as funções em inglês exigidas pelo Esquadrão Pampa  
Fonte: O Autor (2016).

Há de se destacar que apenas três Oficiais do Esquadrão não se consideram capazes de desempenhar as funções no Esquadrão que requerem o uso da língua inglesa. No entanto, é importante frisar que esses três Oficiais afirmaram ter realizado curso de inglês depois de formados na Academia da Força Aérea, o que pode indicar que, eventualmente, cursos de inglês geral não seriam os mais indicados para lidar com o cotidiano militar, e que provavelmente um curso de inglês para fins específicos seria necessário para complementar o conhecimento essencial para desempenhar as funções militares, devido à complexidade do processo de ensino e aprendizagem de línguas. Nesse sentido, um estudo sobre as "necessidades-alvo" que, segundo Hutchinson e Waters (1987), citados por Silva (2016, p. 69), "correspondem a tudo o que o aprendiz deve ser capaz de realizar na situação-alvo" seria fundamental para a elaboração de um curso de inglês que atendesse às reais necessidades do Esquadrão Pampa.

Salientamos, ainda, que não somente o curso de língua que o estudante faz como também diversos outros fatores influenciam no aprendizado da língua. Porém, pode-se considerar que o mais importante é o aluno querer aprender, como destaca Urvaneja (2011, p.38): "o estudante deve estabelecer um objetivo para se impulsionar, independente do método de ensino", uma vez que a motivação do aluno é parte fundamental para que a aprendizagem ocorra.

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentamos as percepções dos Oficiais do Esquadrão PAMPA em relação ao seu conhecimento sobre a língua inglesa levando em consideração as respostas dadas ao questionário que propunha uma autoavaliação baseada nos níveis do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

Os níveis mais relatados pelos Oficiais aviadores foram: Compreensão Oral - B2; Leitura - B1; Produção Oral - B1; Interação Oral - B1; Escrita - B1 e, quando indagados sobre sua capacidade de realizar as funções do Esquadrão PAMPA que requerem a utilização da língua inglesa, mais de 80% dos Oficiais (14 Oficiais) afirmaram ser capazes.

A partir desses resultados, podemos inferir que o nível B1 pode ser suficiente na perspectiva dos Oficiais para a realização das atividades propostas pelo Esquadrão. É importante notar, no entanto, que os resultados não foram baseados em estudo de análise das necessidades do Esquadrão, e sim, nas percepções dos Oficiais que atuam no Esquadrão PAMPA.

Sendo assim, sugerimos que novas investigações sejam realizadas a fim de aprofundarmos as reflexões iniciadas neste trabalho. Acreditamos que seja importante traçar uma análise de necessidades do Esquadrão Pampa e compará-las com as necessidades e percepções dos Oficiais. Uma comparação dos resultados obtidos com a Escala de Proficiência da OACI também seria um elemento importante a ser analisado.

**Anexo 1**

Quadro 1: Níveis Comuns de Referência: escala global

Utilizador Proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e fatos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exatidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão do discurso.
Utilizador Independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstratos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com certo grau de espontaneidade e à vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da atualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e standardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projeto.
Utilizador Elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). É capaz de comunicar em tarefas simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e direta sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Fonte: ALVES (2001, p.49)

## Anexo 2

Quadro 2: Quadro para a autoavaliação.

Compreender		
	Compreensão Oral	Leitura
A1	Sou capaz de reconhecer palavras e expressões simples de uso corrente relativas a mim próprio, à minha família e aos contextos em que estou inserido, quando me falam de forma clara e pausada.	Sou capaz de compreender nomes conhecidos, palavras e frases muito simples, por exemplo, em avisos, cartazes ou folhetos.
A2	Sou capaz de compreender expressões e vocabulário de uso mais frequente relacionado com aspectos de interesse pessoal como, por exemplo, família, compras, trabalho e meio em que vivo. Sou capaz de compreender o essencial de um anúncio e de mensagens simples, curtas e claras.	Sou capaz de ler textos curtos e simples. Sou capaz de encontrar uma informação previsível e concreta em textos simples de uso corrente, por exemplo, anúncios, folhetos, ementas, horários. Sou capaz de compreender cartas pessoais curtas e simples.
B1	Sou capaz de compreender os pontos essenciais de uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes do trabalho, da escola, dos tempos livres etc. Sou capaz de compreender os pontos principais de muitos programas de rádio e televisão sobre temas atuais ou assuntos de interesse pessoal ou profissional, quando o débito da fala é relativamente lento e claro.	Sou capaz de compreender textos em que predomine uma linguagem corrente do dia a dia ou relacionada com o trabalho. Sou capaz de compreender descrições de acontecimentos, sentimentos e desejos, em cartas pessoais.
B2	Sou capaz de compreender exposições longas e palestras e até seguir partes mais complexas da argumentação, desde que o tema me seja relativamente familiar. Consigo compreender a maior parte dos noticiários e outros programas informativos na televisão. Sou capaz de compreender a maior parte dos filmes, desde que seja utilizada a língua-padrão.	Sou capaz de ler artigos e reportagens sobre assuntos contemporâneos em relação aos quais os autores adotam determinadas atitudes ou pontos de vista particulares. Sou capaz de compreender textos literários contemporâneos em prosa.
C1	Sou capaz de compreender uma exposição longa, mesmo que não esteja claramente estruturada ou quando a articulação entre as ideias esteja apenas implícita. Consigo compreender programas de televisão e filmes sem grande dificuldade.	Sou capaz de compreender textos longos e complexos, literários e não literários, e distinguir estilos. Sou capaz de compreender artigos especializados e instruções técnicas longas, mesmo quando não se relacionam com a minha área de conhecimento.
C2	Não tenho nenhuma dificuldade em compreender qualquer tipo de enunciado oral, tanto face a face como através dos meios de comunicação, mesmo quando se fala depressa, à velocidade dos falantes nativos, sendo apenas necessário algum tempo para me familiarizar com o sotaque.	Sou capaz de ler com facilidade praticamente todas as formas de texto escrito, incluindo textos mais abstratos, linguística ou estruturalmente complexos, tais como manuais, artigos especializados e obras literárias.

Fonte: ALVES (2001, p.53)

Quadro 2: Quadro para a autoavaliação (continuação).

Falar		
Interação Oral		Produção Oral
A1	Sou capaz de me comunicar de forma simples, desde que o meu interlocutor se disponha a repetir ou dizer por outras palavras, num ritmo mais lento, e me ajude a formular aquilo que eu gostaria de dizer. Sou capaz de perguntar e de responder a perguntas simples sobre assuntos conhecidos ou relativos a áreas de necessidade imediata.	Sou capaz de utilizar expressões e frases simples para descrever o local onde vivo e pessoas que conheço.
A2	Sou capaz de comunicar em situações simples, de rotina do dia a dia, sobre assuntos e atividades habituais que exijam apenas uma troca de informação simples e direta. Sou capaz de participar em breves trocas de palavras, apesar de não compreender o suficiente para manter a conversa.	Sou capaz de utilizar uma série de expressões e frases para falar, de forma simples, da minha família, de outras pessoas, das condições de vida, do meu percurso escolar e do meu trabalho atual ou mais recente.
B1	Sou capaz de lidar com a maior parte das situações que podem surgir durante uma viagem a um local onde a língua é falada. Consigo entrar, sem preparação prévia, numa conversa sobre assuntos conhecidos, de interesse pessoal ou pertinentes para o dia a dia (por exemplo, família, passatempos, trabalho, viagens e assuntos da atualidade).	Sou capaz de articular expressões de forma simples para descrever experiências e acontecimentos, sonhos, desejos e ambições. Sou capaz de explicar ou justificar opiniões e planos. Sou capaz de contar uma história, de relatar o enredo de um livro ou de um filme e de descrever as minhas reações.
B2	Sou capaz de conversar com fluência e espontaneidade suficientes para tornar possível a interação normal com falantes nativos. Posso tomar parte ativa numa discussão que tenha lugar em contextos conhecidos, apresentando e defendendo os meus pontos de vista.	Sou capaz de me exprimir de forma clara e detalhada sobre uma vasta gama de assuntos relacionados com os meus centros de interesse. Sou capaz de explicar um ponto de vista sobre um dado assunto, apresentando as vantagens e desvantagens de diferentes opções.
C1	Sou capaz de me exprimir de forma espontânea e fluente, sem dificuldade aparente em encontrar as expressões adequadas. Sou capaz de utilizar a língua de maneira flexível e eficaz para fins sociais e profissionais. Formulo ideias e opiniões com precisão e torno adequado o meu discurso ao dos meus interlocutores.	Sou capaz de apresentar descrições claras e detalhadas sobre temas complexos que integrem subtemas, desenvolvendo aspectos particulares e chegando a uma conclusão apropriada.
C2	Sou capaz de participar sem esforço em qualquer conversa ou discussão e mesmo utilizar expressões idiomáticas e coloquiais. Sou capaz de me exprimir fluentemente e de transmitir com precisão pequenas diferenças de sentido. Sempre que tenho um problema, sou capaz de voltar atrás, contornar a dificuldade e reformular, sem que tal seja notado.	Sou capaz de, sem dificuldade e fluentemente, fazer uma exposição oral ou desenvolver uma argumentação num estilo apropriado ao contexto e com uma estrutura lógica tal que ajude o meu interlocutor a identificar e a memorizar os aspectos mais importantes.

Fonte: ALVES (2001, p.54)



Quadro 2: Quadro para a autoavaliação (continuação).

Escrever	
Escrita	
A1	Sou capaz de escrever um postal simples e curto, por exemplo, na altura de férias. Sou capaz de preencher uma ficha com dados pessoais, por exemplo, num hotel, com nome, morada, nacionalidade.
A2	Sou capaz de escrever notas e mensagens curtas e simples sobre assuntos de necessidade imediata. Sou capaz de escrever uma carta pessoal muito simples, por exemplo, para agradecer alguma coisa a alguém.
B1	Sou capaz de escrever um texto articulado de forma simples sobre assuntos conhecidos ou de interesse pessoal. Sou capaz de escrever cartas pessoais para descrever experiências e impressões.
B2	Sou capaz de escrever um texto claro e pormenorizado sobre uma vasta gama de assuntos relacionados com os meus centros de interesse. Sou capaz de redigir um texto expositivo ou um relatório, transmitindo informação ou apresentando razões a favor ou contra um determinado ponto de vista. Consigo escrever cartas evidenciando o significado que determinados acontecimentos ou experiências têm para mim.
C1	Sou capaz de me exprimir de forma clara e bem estruturada, apresentando os meus pontos de vista com certo grau de elaboração. Sou capaz de escrever cartas, comunicações ou relatórios sobre assuntos complexos, pondo em evidência os aspectos que considero mais importantes. Sou capaz de escrever no estilo que considero apropriado para o leitor que tenho em mente.
C2	Sou capaz de escrever textos num estilo fluente e apropriado. Sou capaz de redigir de forma estruturada cartas complexas, relatórios ou artigos que apresentem um caso com tal estrutura lógica que ajude o leitor a aperceber-se dos pontos essenciais e a memorizá-los. Sou capaz de fazer resumos e recensões de obras literárias e de âmbito profissional.

Fonte: ALVES (2001, p.55)

### Referências bibliográficas

ALVES, J. M. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação.** Porto: ASA, 2001.

ANDRADE, O. G. Caminhos para a pesquisa em língua estrangeira: correntes teóricas e vertentes práticas. In: GIMENEZ, K. M. P. (Org.) **Contribuições na área de línguas estrangeiras.** Londrina: Moriá, 2005. p. 34-55.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Departamento de Ensino da Aeronáutica. **Padronização do ensino da língua inglesa nos cursos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar e da Academia da Força Aérea: DCENS 15**. Brasília, 2013. Disponível em: <[www.cendoc.intraer/sisbca/bca\\_pdf/2013/bca\\_179\\_17-09-2013.pdf](http://www.cendoc.intraer/sisbca/bca_pdf/2013/bca_179_17-09-2013.pdf)>. Acesso em 21 de novembro de 2015.

FURTOSO, V. A. B. **Desempenho oral em português para falantes de outras línguas: da avaliação à aprendizagem de línguas estrangeiras em contexto online**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, SP, 2011.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. **English for Specific Purposes: A learning-centered approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

MATHEWS, E. Most accident investigators lack the tools and training to analyze language-related factors in aviation accidents. **Language Gap**. Disponível em: <https://flightsafety.org/asw-article/language-gap/> Acesso em: 10 maio 2018.

PILLATI, A.; SANTOS, M. **O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado**. Porto, 2008. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ser/article/download/1766/1174>>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2015.

SILVA, A.L.B.C. Uma análise de necessidades de uso da língua inglesa por oficiais aviadores do Esquadrão de Demonstração Aérea da Força Aérea Brasileira. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2016. Disponível em <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/320921> . Acesso em: 15 maio 2017.

URVANEJA, L. M. N. **Avaliação do ensino de Língua Inglesa: um estudo na Academia da Força Aérea**. Campinas, 2011. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=714](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=714)>. Acesso em 20 nov. 2015.

## **Pampa Squadron: Perceptions of the Officers about the English Language**

### **Abstract**

Considering the need of the English language knowledge for the Pampa Squadron Aviator Officers - 1st / 14th Aviation Group, due to the activities inherent in the military career such as joint missions with other countries, joint missions with other forces, missions of representations abroad, a qualitative investigation was developed. The data were collected through questionnaires sent to the Pampa Squadron Officers in order to obtain their perceptions regarding the levels of the English Language covered in the Common European Framework of Reference for Languages (CEFR). The results contributed to reflections on the level of current English proficiency of the Officers and the level required to successfully carry out their duties.

**Keywords:** English Language. Proficiency. Pampa Squadron.